

NOVEMBRO 1991

10 SUPLEMENTO CULTURAL Novembro 91

ETNIA

81061



FOTOS: GILBERTO MARCELINO



CONSCIÊNCIA E ARTE NEGRA

CONSCIÊNCIA E ARTE NEGRA

Daniella Freitas *

O Balé de Arte Negra é um dos maiores expoentes do movimento negro em Pernambuco. Criado em setembro de 85, pela professora Thelma Chase e pelo capoeirista Zumbi Bahia, o Arte Negra surgiu para unir interesses políticos e sociais com as manifestações folclóricas.

O primeiro passo neste sentido foi tirar a capoeira da marginalidade, já que nos bairros da zona norte, ela era sinônimo de violência. Através de cursos gratuitos, os alunos do balé puderam conhecer os instrumentos, as músicas e a história da capoeira. Desta experiência desenvolvida na Campina do Barreto, em Água Fria, nasceu o primeiro espetáculo, batizado de Raízes Negras, e a banda afro "Quilombo Axé".

Segundo Thelma Chase, nos primeiros anos de atividade, o balé colocou em prática, com ajuda da prefeitura e de convênios com a LBA, projetos sociais nas comunidades. Entre estes projetos, estavam a distribuição de cestas básicas e a manutenção dos integrantes do balé em escolas. "Quando nós começamos, nenhum aluno do balé estudava, por isso resolvemos bancar o material escolar para que eles tivessem acesso às salas de aula", explica.

Em 88, ano do Centenário da Abolição, o grupo montou, com ajuda do Ministério da Cultura, o projeto "Dança Negra nas Praças". Foram 180 espetáculos que renderam ao balé o respeito do

público. Mas, com o início do Governo Collor, o Arte Negra, que se apresentava em todo o Brasil, perdeu o único apoio que ainda lhe restava, uma vez que a Fundação de Artes Cênicas (Fundacen) entrou na lista dos órgãos extintos. A partir daí, já com uma carreira consolidada, o balé passou a vender os seus shows para a Fundação de Cultura Cidade do Recife, Fundarpe e empresas privadas.

Os espetáculos do grupo, que possui 16 integrantes, seguem um roteiro, onde toda a trajetória de lutas do negro, desde a sua chegada no Brasil até os nossos dias, é contada através da música e da dança. Também há leitura de textos e poesias. Após o espetáculo, a preocupação política do grupo "entra em cena" com a realização de debates.

Mensalmente, o balé, que vem desenvolvendo um trabalho na Linha do Tiro, em Beberibe, promove uma festa dançante. "As pessoas lotam o salão para aliviar as tensões com uma música diferente da que se ouve nas FMs", revela Thelma. Segundo ela, o objetivo agora é conseguir bolsas para manter os trabalhos, uma vez que o balé provou que, mais do que uma atividade cultural, os cursos proporcionam aos alunos, através da dança e dos instrumentos de percussão, um meio de subsistência. "Se entrar no mercado de trabalho já é difícil, para nós, que somos negros, a dificuldade é bem maior", diz.



Daniella é repórter

CULTURA E NEGRITUDE

Roberto Motta



que é que um antropólogo, muito interessado e até especializado em religiões negras e relações raciais, mas que é branco (ao menos no sentido da palavra em Pernambuco, podendo ter até algum remoto flete de sangue africano) e que, portanto, jamais poderá perceber "na própria pele" todas as decorrências da condição de negro, tem a dizer sobre a vida e cultura do negro no Brasil? Bem, uma porção de coisas, que não vão caber todas neste artigo, em que me limitarei a salientar a valorização do gesto e da festa, que constitui talvez a maior de todas as contribuições do negro para a cultura brasileira.

Tento explicar-me. A civilização do branco, mais nuns países que em outros, porém como regra geral, é a civilização da racionalidade, quer dizer, da lógica, do cálculo quanto possível exato de custos e benefícios, dos meios escolhidos exclusivamente em função do fim. Já o negro, os povos negros, as civilizações negras, entre outras coisas, suas religiões que nos marcaram tanto, se caracterizam pela prevalência do sentimento, a exuberância, o gesto, a dança, a festa, pelo tempo que não é dinheiro, pois é cíclico, recomeça, reverte, nada passa, tudo fica.

Dá-lhe o que há de mais fino na cultura brasileira. Eu digo brasileira e não africana, partindo de uma descoberta que só fiz recentemente, embora há muito tempo eu dispusesse de todas as informações necessárias para fazê-la. Foi o seguinte: convivendo mais diretamente com esses sociólogos e antropólogos europeus, sobretudo franceses, que costumam ficar extasiados diante do candomblé e do carnaval, ou diante de tudo que no Brasil representa africanismo, comecei a perceber que nunca têm as mesmas reações com relação aos africanismos em estado puro, aos africanismos da própria África, por mais que às vezes queiram descobrir, entre tais e tais tribos, os mais complexos sistemas metafísicos.

Os franceses não se identificam com os africanos da África, mas vêm identificar-se com os africa-

nos do Brasil. Há o caso, célebre entre os especialistas (ou os iniciados), da antiga administradora colonial que, na África, nunca sentiu maiores emoções. Depois veio ser diplomata no Brasil e, aqui, ficou tão apaixonada pelo candomblé, que abandonou emprego, família e país e hoje é, literalmente, mãe-de-santo no Estado do Rio de Janeiro, sendo aliás autora de uma das mais saborosas descrições de um terreiro de candomblé que eu já li, na forma de uma tese de doutorado, infelizmente ainda inédita, apresentada na Sorbonne.

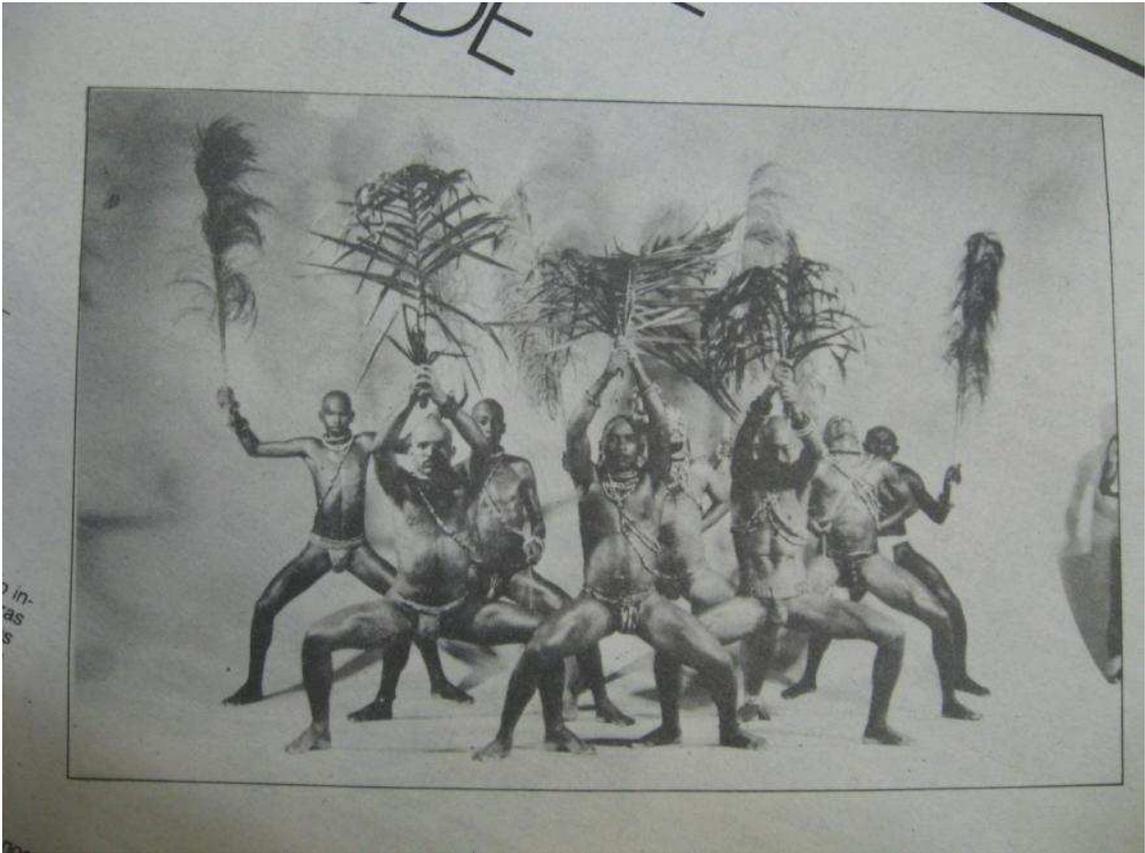
A atração, por conseguinte, está menos na civilização africana em si mesmo considerada, do que nos elementos dessa civilização que entram na composição da cultura brasileira. O que fascina é o contraste, é, por assim dizer, a dialética do outro que é também o mesmo, a coincidência dos opostos, esse ganho que parece fazer-se sem nenhuma perda.

Digamos que o Brasil é "bom para pensar". É, como já se tem dito, nosso País como "laboratório do mundo". Laboratório, inclusive, para a solução de conflitos de personalidade. Porque não duvidemos: O Brasil, com relação à Europa e mesmo à América do Norte, ainda é bastante branco para permitir uma certa identificação, gerando simpatia ou repulsa, que muitas vezes não é mais que o reflexo da própria tensão do observador. E é bastante negro, para mostrar a diferença (ao mesmo tempo em que disfarça a semelhança), podendo também gerar sentimentos muito ambíguos.

Vou agora tentar colocar-me no lugar do negro que venha por acaso a ler este meu texto. Lima de suas possíveis reações será achar que, no íntimo, estou adotando uma atitude de desdenhosa condescendência. Eu, como em essência Roger Bastide ou Gilberto Freyre, estaria demonstrando muita simpatia pelo negro, mas pelo negro desde que conheça seu lugar, desde que não pretenda fazer concorrência à cultura branca que eu represento ou tenho a ilusão de representar. Com a condição que não queira introduzir no Brasil um regime de quotas, nem mexer com a estratificação social que, durante toda minha vida, tem me garantido lugares, modestos, é bem verdade, mas relativamente seguros, nas universidades e fundações, além de várias bolsas no Exterior.

E eu me defenderei dizendo que muitos brancos representam a cultura negra e muitos negros representam a cultura branca. Quem mais europeu, na história cultural do Brasil do que Machado de Assis? ou Tobias Barreto? ou mesmo, a seu modo, Lima Barreto? E por mais perigosos que sejam os argumentos "ad hominem", em que é minhas ideias, toma lá, dá cá, certos matizes, certa terminologia, diferem das de Muniz Sodré, que é negro, negríssimo, autor desse admirável *A Verdade Seduzida*, e que, por sinal, é um dos homens mais inteligentes que já vi em toda a minha vida? Enfim só é negro quem quer. Mas não me esqueci que comecei dizendo que jamais poderei sentir a negritude em minha própria pele. Mas também quando, por exemplo, eu penso nas muitas frustrações que já senti porque, sendo branco, sou moreno, demonstro que venho do Terceiro Mundo e, em certos ambientes europeus, as pessoas parecem acreditar que acabo de entrar pela janela, pino-fando pelos galhos e cipós. Logo eu, todo formado à base de Aristóteles, Descartes e Hegel. Não é branco quem quer.

Roberto é professor do Mestrado de Antropologia da UFPA.





que é que um antropólogo, muito interessado e até especializado em religiões negras e relações raciais, mas que é branco (ao menos no sentido da palavra em Pernambuco, podendo ter até algum remoto filete de sangue africano) e que, portanto, jamais poderá perceber "na própria pele" todas as decorrências da condição de negro, tem a dizer sobre a vida e cultura do negro no Brasil? Bem, uma porção de coisas, que não vão caber todas neste artigo, em que me limitarei a salientar a valorização do gesto e da festa, que constitui talvez a maior de todas as contribuições do negro para a cultura brasileira.

Tento explicar-me. A civilização do branco, mais nuns países que em outros, porém como regra geral, é a civilização da racionalidade, quer dizer, da lógica, do cálculo quanto possível exato de custos e benefícios, dos meios escolhidos exclusivamente em função do fim. Já o negro, os povos negros, as civilizações negras, entre outras coisas, suas religiões que nos marcaram tanto, se caracterizam pela prevalência do sentimento, a exuberância, o gesto, a dança, a festa, pelo tempo que não é dinheiro, pois é cíclico, recomeça, reverte, nada passa, tudo fica.

Daí o que há de mais fino na cultura brasileira. Eu digo brasileira e não africana, partindo de uma descoberta que só fiz recentemente, embora há muito tempo eu dispusesse de todas as informações necessárias para fazê-la. Foi o seguinte: convivendo mais diretamente com esses sociólogos e antropólogos europeus, sobretudo franceses, que costumam ficar extasiados diante do canômbié e do carnaval, ou diante de tudo que no Brasil representa africanismo, comecei a perceber que nunca têm as mesmas reações com relação aos africanismos em estado puro, aos africanismos da própria África, por mais que às vezes queiram descobrir, entre tais e tais tribos, os mais complexos sistemas metafísicos.

Os franceses não se identificam com os africanos da África, mas vêm identificar-se com os africa-

nos do
listas (o
colônia
ções. D
ficou tã
nou em
mãe-de
aliás au
de um t
de uma
ta, apre

A
civilizaç
que nos
na com
é o cor
outro q
dos opo
nenhum

Dig
É, como
tório do
ção de c
videmos
à Améri
permitir
ou reput
reflexo d
tante neg
tempo em
também

nos do Brasil. Há o caso, célebre entre os especialistas (ou os iniciados), da antiga administradora colonial que, na África, nunca sentiu maiores emoções. Depois veio ser diplomata no Brasil e, aqui, ficou tão apaixonada pelo candomblé, que abandonou emprego, família e país e hoje é, literalmente, mãe-de-santo no Estado do Rio de Janeiro, sendo aliás autora de uma das mais saborosas descrições de um terreiro de candomblé que eu já li, na forma de uma tese de doutorado, infelizmente ainda inédita, apresentada na Sorbonne.

A atração, por conseguinte, está menos na civilização africana em si mesmo considerada, do que nos elementos dessa civilização que entram na composição da cultura brasileira. O que fascina é o contraste, é, por assim dizer, a dialética do **outro** que é também o **mesmo**, a coincidência dos opostos, esse ganho que parece fazer-se sem nenhuma perda...

Digamos que o Brasil é "bom para pensar". É, como já se tem dito, nosso País como "laboratório do mundo". Laboratório, inclusive, para a solução de conflitos de personalidade. Porque não duvidemos. O Brasil, com relação à Europa e mesmo à América do Norte, ainda é bastante branco para permitir uma certa identificação, gerando simpatia ou repulsa, que muitas vezes não é mais que o reflexo da própria tensão do observador. E é bastante negro, para mostrar a diferença (ao mesmo tempo em que disfarça a semelhança), podendo também gerar sentimentos muito ambíguos.

Vou agora tentar colocar-me no lugar do negro que venha por acaso a ler este meu texto. Uma de suas possíveis reações será achar que, no íntimo, estou adotando uma atitude de desdenhosa condescendência. Eu, como em essência Roger Bastide ou Gilberto Freyre, estaria demonstrando muita simpatia pelo negro, mas pelo negro desde que conheça seu lugar, desde que não pretenda fazer concorrência à cultura branca que eu represento ou tenho a ilusão de representar. Com a condição que não queira introduzir no Brasil um regime de quotas, nem mexer com a estratificação social que, durante toda minha vida, tem me garantido lugares, modestos, é bem verdade, mas relativamente seguros, nas universidades e fundações, além de várias bolsas no Exterior...

E eu me defenderei dizendo que muitos brancos representam a cultura negra e muitos negros representam a cultura branca. Quem mais europeu, na história cultural do Brasil do que Machado de Assis? ou Tobias Barreto? ou mesmo, a seu modo, Lima Barreto? E por mais perigosos que sejam os argumentos "ad hominem", em que é minhas idéias, toma lá, dá cá, certos matizes, certa terminologia, diferem das de Muniz Sodré, que é negro, negríssimo, autor desse admirável **A Verdade Seduzida**, e que, por sinal, é um dos homens mais inteligentes que já vi em toda a minha vida? Enfim só é negro quem quer... Mas não me esqueci que comecei dizendo que jamais poderei sentir a negritude em minha própria pele. Mas também quando, por exemplo, eu penso nas muitas frustrações que já senti porque, sendo branco, sou moreno, demonstro que venho do Terceiro Mundo e, em certos ambientes europeus, as pessoas parecem acreditar que acabo de entrar pela janela, pinoando pelos galhos e cipós... Logo eu, todo formado à base de Aristóteles, Descartes e Hegel. Não é branco quem quer.

* Roberto é professor do Mestrado de Antropologia da UFPE